

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

CURSO DE PEDAGOGIA

SAMARA SILVA SANTOS

**TOMÁS DE AQUINO: A QUESTÃO DA HUMILDADE PRESENTE NOS HOMENS
DO SÉCULO XIII**

MARINGÁ

2016

SAMARA SILVA SANTOS

**TOMÁS DE AQUINO: A QUESTÃO DA HUMILDADE PRESENTE NOS HOMENS
DO SÉCULO XIII**

Trabalho apresentado ao curso de Pedagogia, modalidade presencial, da Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Terezinha Oliveira.

MARINGÁ

2016

SAMARA SILVA SANTOS

**TOMÁS DE AQUINO: A QUESTÃO DA HUMILDADE PRESENTE NOS HOMENS
DO SÉCULO XIII**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Universidade Estadual de Maringá – UEM, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob orientação da Prof^a. Dra. Terezinha Oliveira.

Aprovada em: __/__/__

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Terezinha Oliveira (Orientadora)

Universidade Estadual de Maringá

Ms^a. Lais Boveto

Universidade Estadual de Maringá

Dr^a. Meire Aparecida Lódes Nunes

Universidade Estadual de Maringá

MARINGÁ

2016

AGRADECIMENTOS

À Deus, que me deu inspiração e fé na concretização deste trabalho. A Ele a honra a glória, o poder, para sempre amém!

Ao meu marido, Victor Rogério, que me incentivou e auxiliou me dando apoio no que precisei para a conclusão desta tarefa tão árdua.

Ao meu Pai, Donizete Martins, que sempre buscou ter seus filhos formados em uma universidade. Aqui estou eu, agora segue meu irmão.

À minha linda mamãe, nem tenho o que falar dela, maravilhosa!

Ao Pastor e professor Germano Barbosa Filho, que me instigou o desejo e apreço pela Filosofia.

Ao meu atual Pastor, que me deu suporte em oração.

Aos amigos, em especial Tamires de Souza Mota, que pacientemente esteve ao meu lado lutando pelo mesmo motivo, o título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

À minha querida orientadora professora Terezinha Oliveira, que foi meu barco, no mar do conhecimento para a execução deste trabalho.

À banca, meu muito obrigado por aceitarem ao convite.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram com essa experiência tão marcante em minha vida.

SANTOS, Samara Silva. **Tomás de Aquino: a questão da humildade presente nos homens do século XIII**. 2016. 21 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

Samara Silva Santos¹

Terezinha Oliveira²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar o século XIII, apresentando as principais transformações sociais advindas de novos interesses que ditavam a organização social deste período, investigando em que medida a questão da humildade, questão 161, II^a-II^{ae} da *Suma Teológica* de Tomás de Aquino se constitui em uma virtude social necessária na vida dos homens deste tempo e como ela pode, potencialmente, contribuir na formação do professor. Para realizarmos nossa análise discorreremos sobre as mudanças que ocorreram no século XIII, cuja consequência foi um progresso significativo, especialmente no espaço citadino. A expansão comercial foi uma delas. O renascimento do comércio, das cidades e o surgimento das ordens mendicantes tiveram papéis imprescindíveis, neste processo. As transformações que ocorreram, levaram estudiosos contemporâneos a análise da vida organizacional nesta época dentre eles destacam se François Guizot, historiador do século XIX e Jacques Le Goff, historiador do século XX. Dos intelectuais do século XIII, Tomás de Aquino é um dos que mais se destacou. Ao tratar da vida das pessoas, neste tempo, o filósofo faz uma reflexão a respeito da humildade, questão 161 da *Suma Teológica* [II^a-II^{ae}, q. 161], que se constitui em nosso objeto de análise neste trabalho. Assim, considerando este cenário, nossa indagação parte de duas premissas: a virtude da humildade é importante na formação do professor? Seria possível aprender com a história, na história da educação? Essas duas indagações mapeiam nossas reflexões neste texto.

Palavras-chave: Tomás de Aquino. Humildade. Cidade. Formação de Professor.

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the thirteenth century, with the major social transformations resulting from new interests that dictate the social organization of this period, investigating to what extent the question of humility, issue 161, II^a-II^{ae} the *Summa Theologica* of Thomas Aquinas It constitutes a social virtue necessary in the lives of men of this time and how it can potentially contribute to teacher training. In conducting our review we will discuss the changes that occurred in the thirteenth

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia

² Prof^a Dr^a do Departamento de Fundamentos da Educação da UEM, Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso.

century, whose result was significant progress, especially in the city space. Trade expansion was one. The revival of trade, the cities and the emergence of the mendicant orders had essential roles in this process. The transformations that have taken place, led contemporary scholars analysis of organizational life at this time among them stand out François Guizot, historian of the nineteenth century and Jacques Le Goff, historian of the twentieth century. The intellectuals of the thirteenth century, Thomas Aquinas is one of the most outstanding. In dealing with the lives of people at this time, the philosopher is a reflection about humility, issue 161 of the Summa Theologica [IIa-IIae, q. 161], which constitutes our object of analysis in this paper. So, considering this scenario, our quest of two premises: the virtue of humility is important in teacher education? It would be possible to learn from history, in the history of education? These two inquiries map our reflections in this text.
Keywords: Thomas Aquinas. Humility. City. Teacher training.

1. INTRODUÇÃO

O século XIII está marcado por transformações e acontecimentos. Com o renascimento comercial, temos um significativo aumento populacional. Uma nova sociedade estava nascendo e com ela, necessidades. As mudanças advindas dos novos interesses que ditavam esta época inquietaram os intelectuais deste período. Estes, a fim de refleti-las, se juntam nas universidades, uma das criações mais importantes nesta época.

Para tratarmos das mudanças no século XIII, não podemos deixar de mencionar as Ordens Mendicantes. Jacques Le Goff (2011), destaca duas das principais ordens mendicantes do século XIII, “[...] a ordem dos *frades pregadores* (comumente chamados hoje *dominicanos*, e na França Medieval, *jacobinos* [...]) e a ordem dos *frades menores* (comumente chamados hoje *franciscanos* e, na França Medieval, *cordeliers* [...])” (LEGOFF, 2011, p. 175). A influência das Ordens Mendicantes foram tais, que seus princípios repercutiram no mundo ocidental de modo que contribuíram para o desenvolvimento científico e influenciaram também, sob diversos aspectos, os avanços comerciais.

Tomás de Aquino, (1225-1274), como integrante da Ordem dos Dominicanos e mestre de Universidade, influenciou significativamente o século XIII. Considerando o fato de que Tomás foi um dos filósofos e intelectuais mais renomados deste

período elegemos a questão 161, da II^a-II^{ae} 'A humildade', da *Suma Teológica* para analisarmos, aspectos da organização social do período.

Para analisarmos esta questão consideramos relevante refletir sobre o contexto no qual Tomás de Aquino viveu, por isso teceremos algumas considerações sobre o renascimento comercial e urbano do século XIII. A organização social neste período foi objeto de análise de muitos estudiosos. O interesse era analisar como se davam as relações sociais nesta época. François Guizot, historiador do século XIX, ao estudar este período destaca:

No momento em que a feudalidade já estava bem estabelecida, quando cada homem tomou seu lugar, fixando-se na terra, quando a vida errante cessou, ao final de um certo tempo, as cidades recomeçaram a adquirir alguma importância, desenvolvendo-se nelas, novamente, alguma atividade. Como vocês sabem, dá-se com a atividade humana algo semelhante ao que ocorre com a fecundidade da terra: cessada a desordem, tudo volta a germinar e aflorir. Basta o menor clarão de ordem e paz e o homem retoma a esperança, e com a esperança o trabalho. É isso que ocorreu nas cidades; desde que o regime feudal se assentara um pouco, surgiram, entre os possuidores de feudos, novas necessidades, um certo gosto pelo progresso, pelo melhoramento. Para satisfazê-las, um pouco de comércio e de indústria reapareceu nas cidades localizadas nos domínios desses senhores; a riqueza, a população, nelas reaparecem (GUIZOT, 2005, p. 34-35).

Guizot considera o avanço das cidades e do comércio um fato decorrente da forma de pensar dos homens deste período, que tinham como meta desenvolver o comércio e organizar o trabalho sob a forma de corporação de ofício. Essa nova forma de organizar a vida fez com que ocorressem transformações sociais profundas na sociedade. Essas mudanças promoveram, também, o nascimento da Universidade.

Assim como Guizot, Jacques Le Goff (2005), ao analisar o século XIII, também refletiu sobre a contribuição das cidades e do comércio para o desenvolvimento da sociedade ocidental:

[...] as cidades desempenham também um papel de centros de troca. Durante muito tempo apenas os produtos de luxo (tecidos, pastel, especiarias) ou de primeira necessidade (sal) alimentaram o comércio. As mercadorias pesadas (grãos, madeira), só lentamente passaram a fazer parte deste comércio. Algumas praças bastavam para assegurar a venda destes produtos e as práticas mercantis rudimentares que as acompanham- em particular o câmbio de moedas. (LEGOFF, 2005, p. 73).

É importante considerar, a partir das observações do autor, o quanto o comércio influenciou a vida dos homens neste período. As cidades tornaram-se centros de troca. Sempre em crescente progresso, as cidades e o comércio avançavam em expansão. Sobre a hegemonia citadina e comercial Henri Pirenne (1989) escreve: “As cidades da Idade Média apresentam-nos um espetáculo [...]. O comércio e a indústria fizeram delas o que elas foram. Não cessaram de crescer sob a sua influência” (PIRENNE, 1989, p.110).

Os comerciantes do século XIII organizavam feiras nas quais vendiam seus produtos, com o intuito de ampliarem o comércio. A mais importante da época foi alvo na análise de Le Goff (1991), as feiras de Champagne. O autor destacou que no século XII e XIII, constituíam o principal centro comercial da época: “As terras de Champagne eram assim um fato capital. Havia lá um mercado quase permanente do mundo ocidental” (LEGOFF, 1991, p. 15).

Em sua obra *Mercadores e Banqueiros da Idade Média*, Le Goff observa como era a vida dos comerciantes nesta época, começando pelas rotas que seguiam para transportar as mercadorias. A respeito dos obstáculos no trajeto que faziam o autor indica que:

Primeiro são os obstáculos naturais. Em terras são as montanhas a transpor através de estradas precárias do que por vezes se costumou dizer, mais largas do que as estradas [...] cimentadas da Antiguidade, mais ainda assim, muito rudimentares. [...]. Talvez os progressos da atrelagem a partir do século X tenham sido uma das condições técnicas favoráveis, se não necessárias, ao desenvolvimento do comércio, mas, em caminhos não pavimentados [...] (LE GOFF, 1991, p. 9-10).

Segundo Le Goff (1991), além desses obstáculos os mercadores sofriam assaltos e eram obrigados a pagar pedágios. Com o propósito de se livrarem destes

transtornos, os mercadores preferiam as vias aquáticas. O autor destaca que “A condução de madeira pelos rios, o transporte por barcos a vela das outras mercadorias se praticam em grande escala onde quer que a navegabilidade dos rios os permita (LEGOFF, 1991, p.11).

As corporações de ofícios também tiveram lugar na história ocidental do século XIII. Neste período inicia-se, como mencionado anteriormente, uma nova forma de organização do trabalho, aquela organizada nas corporações de ofícios. A partir delas, cada uma das profissões passou a ser organizada sob a forma de corporação. Ao analisar as corporações, neste período, Rafael Santin salienta que:

Além das feiras e da venda de produtos, desenvolveram-se, neste período, as corporações de ofício, fato importante quando se trata do renascimento comercial e urbano. Guizot (2005), em um trecho da *Histoire de la civilisation em France* afirma que as corporações de ofício da Idade Média remontam a antiguidade romana, quando artesãos livres começaram a se organizar e trabalhar em proveito próprio, não mais como escravos. Acreditamos que Guizot (2005) refere-se à natureza das corporações de ofício que tiveram, durante o renascimento do comércio no Ocidente medieval, um papel essencial (SANTIN, 2012, p. 26).

Considerando as formulações de Guizot, Santin explicita a importância que as corporações de ofício tiveram no renascimento comercial e urbano. Ressalta ainda que as origens das corporações de ofício remontam a antiguidade romana. Este fato teria ocorrido quando os artesãos livres começaram a trabalhar em proveito próprio e não mais como servos.

Além de conquistarem a liberdade nas cidades, os camponeses artesãos principiam uma grande ‘revolução’ na organização da produção. Eles se organizam como corporações de ofício locais, para atender as necessidades de troca, em nível local, e como corporações de exportações para promover trocas a longas distâncias. Em face destas mudanças em termos sociais e econômicos, temos o surgimento da Universidade. Esta instituição surge em consonância com outras inovações da sociedade e responde, certamente, pelas novas necessidades educacionais que surgiram na ambiência citadina.

Marc Bloch, historiador francês, em seu livro *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*, a este respeito observa que “[...] uma sociedade [...] remodela segundo suas necessidades [...]” (BLOCH, 2001, p. 53). Os homens criam recursos e se desenvolvem. Foi o que ocorreu na segunda metade do século XIII.

2. AS ORDENS MENDICANTES

As ordens mendicantes também tiveram destaque no século XIII. Foram alvos de muitos estudos devido ao comportamento que tinham. Jacques Le Goff também se preocupou em analisar este grupo. Em sua obra *Uma longa Idade Média*, o autor trata da origem das ordens mendicantes:

[...] Receberam tal nome [...] porque seu modo de subsistir pela esmola e não pelo recebimento de dízimos e rendas do tipo feudal chocou os contemporâneos. A mendicância que praticam de maneira diferente em relação aos “verdadeiros” mendigos é um “valor” e um comportamento discutido no século XIII. (LE GOFF, 2011, p. 175).

De acordo com Le Goff (2011), a mendicância das ordens, era diferente da dos “verdadeiros” mendigos. Os outros mendigos, ou assim chamados pelo autor de “verdadeiros” mendigos, mendigavam pelo estado de pobreza em que viviam. As ordens possuíam condições de subsistência favoráveis para não viverem em mendicância, pois se quisessem poderiam viver dos dízimos ou de rendas feudais como acentua o autor na citação acima. No entanto, Le Goff indica que a mendicância realizada pelas Ordens era vista por eles próprios como um valor, um princípio moral, ou seja, como o eixo central que movia as Ordens Mendicantes. (grifos do original). Sobre este comportamento Pirenne salienta:

A regra de pobreza fê-los romper com a organização senhorial que tinha sido até então suporte da vida monástica. Para eles o manaquismo encontrou-se maravilhosamente adaptado ao meio urbano. Só pediram aos burgueses as suas esmolas (PIRENNE, 1989, p.136).

O contexto em que nasce as Ordens Mendicantes está repleto de novidades nos diferentes âmbitos da vida social do homem do século XIII. Novos valores, comportamentos e gostos, ditam a sociedade do renascimento comercial, urbano, intelectual, científico, entre outros. Vejamos o que Le Goff destaca sobre esta questão:

[...] um novo mundo urbano se afirma através de valores e comportamentos novos, o gosto pelo intercâmbio, comercial ou

intelectual, os preços do trabalho, do tempo e do dinheiro mais juntamente calculado, a busca da segurança e do conforto de acordo com os novos códigos de habitação, de alimentação e vestuário, novas formas de sociabilidade mais igualitárias (LEGOFF, 2011, p. 177).

Essas mudanças, na organização social do século XIII, trouxeram grandes benefícios para a sociedade. Como afirma o autor, os novos valores e comportamentos produziram na sociedade, além do gosto pelo comércio, um profundo desenvolvimento intelectual. Neste tempo, a educação se torna alvo daqueles que estão procurando respostas para as transformações do momento. O que não se difere em nossos dias. A educação tem sido o canal que traz o conhecimento necessário para que os homens encontrem respostas às suas inquietações. É importante salientar, mais uma vez, que os grandes centros de pesquisas científicas, nossas universidades, surgiram neste momento. No entanto, as transformações foram tão profundas que trouxeram também, alguns pontos negativos. Le Goff trata este assunto e tece observações:

Mas esses homens e essas mulheres se urbanizaram sem melhorar. Antes são duplamente pecadores: aos pecados tradicionais do mundo rural e senhorial, do qual procedem, orgulho e inveja acrescentam-se os pecados próprios da cidade, a cobiça [...] e as formas novas da gula e da luxúria, nesse universo da comilança e da prostituição. A cidade é pagã, é preciso convertê-la (LEGOFF, 2011, p. 178).

De acordo com o autor, os homens e as mulheres do século XIII não melhoraram seus comportamentos com a urbanização. Antes, segundo ele, a ambiência comum, propiciada pela cidade, estimulava comportamentos viciosos. Por meio deste escrito o autor evidencia que as Ordens Mendicantes consideram a cidade o melhor espaço de ação, pois ali residem os pecados. A intenção das ordens era ensinar aos homens e mulheres, deste período, valores morais que haviam se perdido no decorrer do tempo.

Pior ainda, a cidade muitas vezes é herética, a vaga das contestações heterodoxas, das quais as dos valdenses e dos cátarossão as mais visíveis e as que mais conquistaram adeptos, ameaça o cristianismo oficial. O clero secular, insuficiente em número e instrução, e insatisfatório quanto aos bons costumes, o monarquismo dominado pelo desprezo do mundo [...], a ideologia da

solidão não chegaram a impregnar o contexto feudal. Para a nova sociedade urbana, há necessidade de um apostolado novo. Esses novos apóstolos serão os frades mendicantes. As novas ordens encontram sérios problemas para se instalar nas cidades. Beneficiárias desde muito cedo do apoio da cúria romana e dos príncipes leigos – Branca de Castela e seu filho São Luís, por exemplo, foram muito favoráveis a elas –, as novas ordens tiveram na maior parte das vezes o apoio dos bispos e, ao fim e ao cabo, puderam facilmente triunfar diante da hostilidade do clero paroquial que neles via concorrentes não sem motivo (LE GOFF, 2011, p. 178).

O autor observa que o religioso secular teria se tornado, por suas próprias características ‘insuficiente’ para atender as necessidades da sociedade neste tempo. Por este motivo as Ordens Mendicantes surgem para responder as perguntas que trazem insatisfações na mente do homem do século XIII.

Em relação à influência social e política que as Ordens Mendicantes tiveram em sua atuação dentro das cidades, Jacques Le Goff observa que:

Desse modo, os mendicantes fornecem as justificações religiosas de que a sociedade urbana tem necessidade. Surgem numerosos mestres e estudantes que devem achar fórmulas de substância em torno das escolas monásticas e episcopais. Os espíritos tradicionais criticam esses mestres por vender a ciência, que só pertence a Deus. Os comerciantes que se multiplicam e estão em boa situação econômica na cidade praticam o empréstimo com juros e outras formas de atividades cujo benefício vem do dinheiro de que podem dispor. A Igreja tradicional, os acusa de praticar a usura e de vender o tempo (ao cobrar juros), que também só pertence a Deus. As Ordens Mendicantes legitimam o essencial da atividade dos universitários, enquanto os comerciantes legitimam sua atividade pelo valor de seu trabalho, que merece ser remunerado. De um modo geral, os mendicantes favorecem e legitimam a nova sociabilidade urbana. Os conselhos municipais, as universidades, instituições novas, durante muito tempo não dispuseram de locais próprios. Administradores municipais, cônsules, universitários reúnem-se nas vastas igrejas dos conventos mendicantes (LEGOFF, 2011, p.185-186).

De acordo com o autor, os homens da Igreja que preservava os ritos e costumes passados de geração em geração pela cristandade, nos quais a fé é o fundamento de todas as coisas, obstaculizavam o avanço das Ordens na defesa da atividade universitária e sociabilidade urbana. Este impedimento se deu pelo fato da Igreja se opor as mudanças que estavam ocorrendo na sociedade. As Ordens Mendicantes pelo contrário, além de aceitarem, entenderam o apelo do homem do

século XIII na busca pelo conhecimento. As ordens defenderam essa busca, porque sabiam que somente pelo conhecimento e conhecimento científico, os homens seriam libertos das imposições postas pela Igreja.

Como vimos acima, as reuniões das autoridades e as reuniões universitárias, aconteciam nas igrejas dos conventos mendicantes. Este fato mostra o quanto as Ordens Mendicantes tornaram-se importantes no século XIII. Dando ênfase a essa afirmação, Le Goff acentua: “[...] os mendicantes [...] desempenham um papel importante no desenvolvimento, no fim da Idade Média, de uma historiografia propriamente urbana, de uma história cujas heroínas são as cidades” (LEGOFF, 2011, p.185-186).

Deste modo, fica claro que as Ordens Mendicantes foram essenciais nos avanços tanto comerciais, quanto científicos do século XIII. Apesar das dificuldades impostas pela Igreja as ordens não deixaram de avançar. Até hoje, são reconhecidas suas influências e contribuições na história do renascimento comercial, urbano e científico.

No próximo tópico discorreremos sobre um dos intelectuais e mendicantes que mais se destacou no século XIII, o filósofo e teólogo Santo Tomás de Aquino. Trataremos também dos resultados das transformações sociais ocorridas neste período.

3. SANTO TOMÁS DE AQUINO, OS INTELLECTUAIS E AS UNIVERSIDADES DO SÉCULO XIII

Étienne Gilson (2007), filósofo e historiador francês, em sua obra intitulada *A filosofia na Idade Média*, apresentou fatos marcantes da vida e obra de um dos mais destacados filósofo e teólogo do século XIII, Tomás de Aquino (1225-1274). Gilson nos indica que:

Santo Tomás de Aquino nasceu no castelo de Roccasecca, perto de Aquino, em fins de 1224 ou começo de 1225. Em 1230, torna-se oblato no mosteiro de Monte Cassino. Em 1239, Tomás volta por algum tempo para o seio de sua família. Encontramo-lo, no entanto, desde o outono do mesmo ano, como estudante de artes na Universidade de Nápoles. É nessa mesma cidade que, aos 20 anos

(1244), toma o hábito dominicano. Tomás põe-se então a caminho de Paris com o mestre-geral da ordem, João, o Teutônico. [...] obtém a licença em Teologia em 1256, começa seu ensino a fim de conquistar o mestrado e prossegue-o durante três anos, de setembro de 1256 a junho de 1259. [...]. (GILSON, 2007, p. 653).

A passagem de Gilson nos apresenta, em linhas gerais, a trajetória de Tomás de Aquino. Nela fica evidente a disciplina com que o Mestre de Aquino se dedicou aos estudos. Acreditamos, inclusive, que ela pode nos servir de exemplo para pensarmos a formação como professores no século XXI. A respeito da vasta produção dos escritos de Tomás de Aquino, Gilson também faz menção: “Pode se dizer que sua obra, de vastíssima extensão compreende modelos de todos os gêneros de obras filosóficas então conhecidos” (GILSON, 2007, p. 654).

Para entendermos a relevância deste autor para o século XIII, recuperamos a definição que Jacques Le Goff (2006), em *Os Intelectuais na Idade Média*, apresenta do que seria deste profissional no período.

Um homem cujo ofício, é escrever ou ensinar e de preferência as duas coisas a um só tempo, um homem que, profissionalmente, tem uma atividade de professor e de erudito, em resumo, um intelectual, esse homem só aparecerá com as cidades (LEGOFF, 2006, p. 30).

Le Goff destaca que um intelectual é um homem que escreve e ensina ao mesmo tempo, que tem uma atividade de professor e de erudito. Entre os muitos deste período, Tomás de Aquino é considerado aquele que teve mais destaque. Le Goff acrescenta, ainda, que esse homem, ou seja, o intelectual, só aparecerá com e nas cidades. Essa afirmação do medievalista informa que ao mesmo tempo em que nascem as cidades, nascem também os intelectuais com o intuito de refletir sobre os acontecimentos que estavam ocorrendo. Do mesmo modo, com os intelectuais nascem as universidades, lugar onde os intelectuais se reuniam para refletir sobre os fatos decorrentes das mudanças sociais do momento.

Considerando as universidades berço dos intelectuais no século XIII, incluindo Santo Tomás, é importante citá-las neste trabalho. Ao escrever sobre as universidades nesta época, Étienne Gilson aponta algumas características das universidades modernas que se diferem em relação à universidade de Paris, aquela na qual Tomás de Aquino foi mestre entre os anos 1252 a 1262. Nesta perspectiva Gilson discorre:

A palavra universidade, evoca de fato, em nosso espíritos, a idéia de um edifício ou de um conjunto de edifícios em que mestres e alunos efetuam o ensino e o estudo de certas ciências por amor a essas mesmas ciências. É certo que o ideal dos que ministram esse ensino, bem como dos que recebem, não se limita a sua própria especialidade e que suas curiosidade de especialistas não excluem interesse universais e humanos. Pelo menos esses interesses são rigorosamente homogêneos às curiosidades científicas sobre as quais se apóiam e que subordinam a si; nossas universidades modernas são organizadas antes de mais nada, com vistas à transmissão e ao desenvolvimento das diversas disciplinas que nelas são ensinadas. O mesmo não se dá no que diz respeito a universidade de Paris no século XIII. Ao contrário nós a vemos continuamente dividida entre duas tendências contraditórias, uma das quais teria levado a fazer dela um centro de estudos puramente científicos e desinteressados, enquanto a outra buscava subordinar esses estudos a finalidades religiosas e pô-los a serviço de uma verdadeira teocracia intelectual. (GILSON, 2007, p. 485).

Para o autor, há uma diferença na organização do ensino da universidade de Paris. Ele observa que, ao contrário das outras universidades modernas, em Paris a universidade do século XIII, encontrava-se dividida entre duas tendências, uma delas a tornou um centro de estudos, enquanto a outra buscava subordinar esses estudos a finalidades religiosas.

Sobre a primeira tendência, a história evidencia que o centro de estudos das universidades era frequentado pelos Intelectuais do século XIII. A segunda tendência diz respeito à Igreja, que não aceitava os estudos científicos produzidos neste tempo, pois estes estudos apresentavam ideias que se opunham a cristandade. Esses intelectuais buscavam apresentar o conhecimento como sendo fruto dos saberes religiosos e racionais, exatamente por isso este século foi identificado com o período de apogeu da filosofia cristã a escolástica. Os homens do século XIII ansiavam por uma resposta que fosse mais concreta e explicativa, portanto, não se satisfaziam mais somente com a ideia de tudo o que acontecia na sociedade seria proveniente de uma vontade superior, divina. À última tendência, Le Goff acrescenta:

Sem dúvida a Santa Sé reconhece a importância e o valor da atividade intelectual; mas suas intervenções não são desinteressadas. Se tira os universitários das jurisdições leigas é para deixá-los sob a jurisdição da Igreja: assim para conseguir esse apoio decisivo, os intelectuais se vêem forçados a escolherem o

caminho da dependência eclesiástica, contrariando a forte corrente que os empurra para o laicismo (LEGOFF, 2006, p. 99).

Para o autor, na medida em que a Igreja, no século XIII, conservava defendendo os princípios feudais, os intelectuais pregavam a razão. Os intelectuais buscavam um conhecimento que pudesse explicar as transformações que estavam acontecendo e elas não poderiam mais ser explicadas somente pela fé. Nesta perspectiva aponta Le Goff: “[...] a posição da Igreja aumentou as dificuldades dos que procuravam na instrução, carreiras não eclesiásticas, especialmente o direito civil e a medicina.” (LEGOFF, 2006, p.128).

O autor salienta ainda que a posição exercida pela Igreja no século XIII, aumentou as dificuldades à aqueles que buscavam instrução para além da vida eclesiástica, ou seja, instrução para responder as perguntas que não mais cabiam à fé, mais sim a razão. Todavia, apesar da luta do poder eclesiástico em eliminar a razão, esta nova maneira de pensar marcou o século XIII e perdura até hoje. Nossas universidades são centros de pesquisas científicas e formam professores com o mesmo caráter.

A respeito da luta que as universidades enfrentavam nesse período, Le Goff acentua: “Nas cidades em que se formam as universidades, pelo número e a qualidade de seus membros, manifestam um poder que inquieta outros poderes. É lutando [...] contra os poderes eclesiásticos, [...] que elas adquirem sua autonomia”. (LEGOFF, 2006, p. 94). Acrescenta ainda:

Assim caminham as universidades do século XIII, de acordo com o contexto do século. [...]. O ímpeto construtor cria para esse povo cristão mais numeroso uma rede de igrejas novas, com um espírito novo, mas a era das grandes catedrais góticas encerra-se com o século. A conjuntura universitária traça a mesma curva: Bolonha, Paris, Oxford nunca mais terão tantos mestres e estudantes, e o método universitário, a escolástica, não mais criaria monumentos tão brilhantes quanto as sumas de Alberto Magno, de Alexandre de Hales, de Roger Bacon, de São Boaventura, e de Santo Tomás de Aquino. (LEGOFF, 2006, p. 93-94).

Jacques Le Goff (2006) pontua que as universidades do século XIII, caminharam de acordo com o contexto a qual estavam inseridas. E que este período, de acordo com Le Goff, de grandes mestres, de estudantes e de

monumentos históricos inovadores, jamais se repetiria. Tomás de Aquino é visto como um dos mais fortes exemplos desse tempo.

Tomás de Aquino ao buscar conciliar fé e razão, contribuiu, de forma decisiva, para o desenvolvimento do conhecimento científico. Abriu a porta dando vez à razão, por que entendeu a necessidade do homem usar a ciência para tentar explicar as perguntas de como as coisas acontecem ao seu redor. Seus escritos ficaram na história e hoje é possível agregá-los na história da educação. No tópico seguinte buscamos tratar de como a humildade proposta por Tomás de Aquino na *suma teológica*, *Questão 161* parte II-II, se constitui virtude e sua importância na formação do professor.

4. A CONCEPÇÃO TOMASIANA DE HUMILDADE COMO VIRTUDE E SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Na *suma teológica*, *Questão 161* parte II^a-II^{ae}, Tomás de Aquino trata de temas referentes a moral e valores que permeiam a vida humana. As questões ponderadas desta vez são sobre as virtudes sociais. Todos os artigos da *Questão* constituem-se em indagações, como: A humildade é uma virtude? Está no apetite ou no juízo da razão? Deve se por humildade estar sujeito a todos? É parte da modéstia ou da temperança? Quais as suas relações com as outras virtudes? Quais os seus graus?

As disposições das questões que compõe a *Suma Teológica*, de Santo Tomás de Aquino, estão organizadas de acordo com a “disputa”, método de ensino usado nas universidades da Idade Média. (grifo nosso). A respeito dele Gilson escreve:

Quanto à disputa era uma espécie de torneio dialético que se desenrolava sob a presidência e a responsabilidade de um ou vários mestres. Tendo sido feita uma pergunta, cada um sustentava a solução a favor ou contra por meio dos argumentos que lhe pareciam mais convincentes; após uma ou várias jornadas desse exercício, um mestre reunia, ordenava os argumentos a favor ou contra e determinava a solução. (GILSON, 2007, p. 492).

Nossa análise se restringirá apenas no primeiro artigo da questão. O primeiro apresenta a seguinte pergunta: A humildade é uma virtude? Depois dos argumentos e contra argumentos, Tomás de Aquino responde:

O bem árduo possui algo que atrai o apetite, a saber, a sua própria razão de bem, mas possui também algo que retrai o apetite, ou seja, a própria dificuldade de conquistá-lo. Desses elementos o primeiro faz surgir o movimento da esperança, e o segundo o movimento do desânimo. Mas os movimentos apetitivos de caráter impulsivo requerem uma virtude, que os modere e os refreie; e os que causam retração precisam de uma virtude moral que os reforce e estimule. Portanto relativamente ao bem árduo duas virtudes são necessárias. Uma que tempere e refreie a alma, para que não aspire imoderadamente, a coisas elevadas, e aí entra a humildade. Outra que fortaleça o espírito contra o desânimo e o incentive a desejar grandes feitos, segundo a reta razão, e aí aparece a magnanimidade. Fica assim patente que a humildade é uma virtude. (TOMÁS DE AQUINO, S.T, II-II, q. 161, a. 1).

Ao analisarmos o escrito de Tomás de Aquino percebemos que o Mestre escreveu tais palavras observando a sociedade do século XIII a qual o próprio filósofo estava inserido. Como vimos no decorrer do trabalho uma nova sociedade estava nascendo e com ela novos interesses. Ao tratar da humildade neste tempo, Tomás de Aquino têm a intenção de ensinar a seus alunos a maneira como o homem deveria relacionar-se com o mundo novo que o cercara.

Na citação acima o Mestre Dominicano escreve que existe algo que nos atrai, e nos atrai apenas por sabermos pela razão que esse “algo” é bom. No entanto, existe também algo, segundo o filósofo, que nos retrai ao apetite, ou seja, perdemos um pouco da vontade de conquistar aquilo que é bom, por causa das dificuldades que se apresentam. Santo Tomás escreve ainda que, na busca desse bem, duas virtudes são necessárias, a primeira será a virtude da humildade para que a alma não almeje de maneira imoderada, grandes coisas. A segunda é a magnanimidade para fortalecer o espírito a desejar grandes feitos. Assim a humildade constitui em virtude. (grifo nosso)

Ao compararmos o escrito de Tomás de Aquino com a relação das Ordens Mendicantes e dos intelectuais do século XIII com a Igreja, entendemos porque Tomás de Aquino escreve dessa forma. Quando esses homens resolvem buscar aquilo que consideram um bem, são reprimidos pelas dificuldades postas pela igreja.

Se pensarmos na importância da humildade na formação do professor percebemos que, assim como os homens do século XIII lutaram para que a educação tivesse lugar no meio em que estavam inseridos, a formação de professores em nossas universidades devem da mesma forma assumir tal postura, ao considerarmos o mundo do conhecimento um mundo de grandes descobertas, sendo os Centros Universitários o lugar mais propício para os avanços científicos.

Logo a humildade é importante na formação do professor, na perspectiva de tornar a busca pelo conhecimento criteriosa, equilibrada e comedida, ansiando cada vez mais o conhecimento científico.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos no decorrer do trabalho, o século XIII foi marcado por transformações e acontecimentos, dentre os quais temos o renascimento comercial e urbano, o despertar dos intelectuais e o surgimento das universidades. A organização social neste período foi objeto de análise de muitos estudiosos cujo interesse era analisar como se davam as relações sociais neste tempo. Este interesse adveio do desejo que esses homens tinham em saber, porque das coisas, ou seja, o porquê dos acontecimentos.

Uma nova sociedade estava nascendo e com ela novas necessidades. As mudanças advindas dos novos interesses que ditavam o século XIII inquietaram os intelectuais deste período, estes, a fim de refleti-las, se juntam nas universidades, uma das criações mais importante nesta época. Dos intelectuais desta época Santo Tomás de Aquino é um dos que mais se destacou.

Tomás de Aquino ao tentar conciliar fé e razão abriu a porta para o conhecimento científico. Seus escritos ficaram na história e hoje é possível agregá-los na história da educação. É possível, por que, seu feito contribuiu para que a educação fosse aceita como ciência. A partir de seu ato as universidades apareceram e se fortaleceram em formar alunos em mestres amantes do conhecimento científico. Daí a importância de estudar Tomás de Aquino e incluí-lo na história da educação.

Ao tratar da vida das pessoas no século XIII, mestre Tomás faz uma reflexão a respeito da humildade, questão 161 da *Suma teológica*, parte II-II. Ao fazer tal reflexão, Tomás de Aquino têm a intenção de ensinar a seus alunos a maneira como o homem deveria relacionar-se com o mundo novo que o cercara.

Na defesa da humildade como virtude, Santo Tomás escreve que na busca de um bem, duas virtudes são necessárias, a primeira será a virtude da humildade para que a alma não almeje de maneira imoderada, grandes coisas. A segunda é a magnanimidade para fortalecer o espírito a desejar grandes feitos. Assim a humildade constitui em virtude. Deste modo, percebemos que Tomás de Aquino trata a humildade como se fosse um ponto de equilíbrio na vida dos homens do século XIII, na busca pelo conhecimento.

Concluimos com este trabalho que a humildade na perspectiva de Tomás de Aquino pode ser aplicada da mesma forma na formação de professores em nossas universidades. Faz se necessário, como salientou Mestre Tomás, que existe um querer. Esse querer precisa ser ansiado pelo conhecimento científico. Aí, a humildade aparece para que de forma moderada, leve o aluno a se tornar mestre e assim o que desejar que o conhecimento o faça ser.

Este trabalho trouxe, no decorrer das pesquisas e concretizações dos objetivos que foram propostos, valores que se tornaram essenciais em minha caminhada acadêmica. Um desses valores seria a humildade.

6. REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

GILSON, E. **A Filosofia na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes; 2007.

GUIZOT, François. Sétima lição. In: OLIVEIRA, T.; MENDES, C. M. M. **Formação do Terceiro Estado as comunas**: coletânea de textos de François Guizot, Augustin Thierry, Prosper de Barante. Trad. Terezinha Oliveira & Claudinei Magno MagreMendes. Maringá: Eduem, 2005. p. 27-48.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. Trad. José Rivair de Macedo. Bauru: Edusc, 2005.

LE GOFF, Jacques. **Mercadores e Banqueiros na Idade Média**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo; 1991.

LE GOFF, Jacques. **Os Intelectuais na Idade Média**. 2ª ed. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

LE GOFF, Jacques. As ordens mendicantes. In: _____. **Uma longa Idade Média**. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

PIRENNE, Henri. **As Cidades da Idade Média**. Trad. Carlos Montenegro Miguel. Coleção Saber. Publicações Europa América;1989.

SANTIN, Rafael Henrique. **O amor como princípio educativo na Suma Teológica de Tomás de Aquino**. Maringá; 2012.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Pe. Gabriel C. Galache, SJ & Pe. Fidel García Rodríguez, SJ (Dir.). São Paulo: Edições Loyola, 2005. (v. VII).